

XVII Jornadas sobre a função social do museu.

S. Brás de Alportel - 2006

Alfredo Tinoco

A palavra que mais vezes ouvi durante estes três dias que duraram as nossas XVII Jornadas sobre a Função Social do Museu foi a palavra UTOPIA. Ainda bem! Tenho para mim que é isso mesmo o que é próprio da Museologia. UTOPIA, o UTOPOS, o não lugar, o lugar que ainda não existe é o específico do nosso trabalho de museólogos.

O nosso trabalho é exactamente caminhar por esse lugar que não sabemos onde fica. Por caminhos que não conhecemos: ora a estrada larga, ora o caminho pedregoso, empinado ou vertiginosamente descendente (como a calçadinha de S. Brás); muitas vezes nos perdemos e foi necessário voltar atrás e recomeçar. Algumas vezes o desânimo tomou conta dos caminhantes mas logo outros se nos juntaram e trouxeram ânimo novo e continuámos estrada fora. E cá vamos. Descobrimo o caminho para o lugar que “ainda não existe”.

Ocorre-me aqui Antonio Machado:

“Caminante no hay camino

Se hace camino al andar”.

E cá vamos perseguindo a UTOPIA.

A utopia é o lugar em que a humanidade atingiu a felicidade plena pela satisfação em condições de dignidade das instâncias sociais, económicas, políticas e culturais. Aí é que é o fim do nosso caminho! Nesse dia já não precisaremos de Museus. Nem dos outros instrumentos sociais que concorrem para a realização

plena do Homem pluridimensional. Até lá vamos caminhando!

Sabemos todos que já percorremos um longo troço do nosso caminho.

O “Museu de Tipo Novo” que queremos instaurar é um Museu que sabe que tem um papel importantíssimo na nossa sociedade em mudança: o de contribuir decisivamente para a educação, em sentido lato, da comunidade. As mudanças da própria sociedade têm sido um desafio para a Museologia de há umas décadas até aos nossos dias. Incorporámos no Museu o trabalho interdisciplinar e o trabalho em equipa. Trouxémos para dentro do Museu os métodos de análise das ciências sociais e das ciências exactas; promovemos a participação social. Tudo isto é que transformou o Museu de tipo novo num instrumento de mudança e ao serviço da sociedade.

Conhecemos rupturas. Experimentámos novos caminhos. Mudámos de mentalidade. E ajudámos a mudar mentalidades.

Foi este caminho que aqui continuámos a percorrer em S. Brás de Alportel. Tratou-se para nós, como todos os anos, há quase 20 anos, de acertar o passo. Porque novos problemas se nos põem. O normal da Museologia é a mudança, é o aparecimento de novos problemas. É para isso que nos reunimos todos os anos.

Desta vez preocupámo-nos com os saberes/as comunidades. Nós bem sabemos que o Museu colecciona. Mas não tem nenhum desejo obsessivo de coleccionar. Grande parte das colecções do Museu, aquela parte que ilumina os objectos através dos quais comunicamos, é constituída por saberes. O Museu comunica saberes. Não comunica características dos objectos – nem dimensões, volumes, cores, épocas, escolas... Comunica saberes – relações de significação.

Estamos longe do Museu/Templo como o definiu Duncan Cameron que este ano nos deixou. Estamos a instalar o Museu Fórum que se constrói na pluralidade dos saberes: técnicas, científicas e também empíricas. E é no Fórum que esses saberes dialogam, se misturam, se completam e se transcendem. O Museu/Fórum é aquele que está imbuído da comunidade e em que a comunidade está imbuída do espírito do Museu.

Um outro problema que aqui nos preocupou foi o do voluntariado.

Independentemente das formas que o voluntariado está a assumir nas sociedades dos nossos dias e dos valores que ele veicula – tarefa que o grupo de trabalho analisou em profundidade – convém recordar que o aparecimento do voluntariado nos museus é coisa bastante antiga. Data das primeiras décadas do século passado, talvez nos E. U.A., quando os museus se deram conta da necessidade de receber diferenciadamente alguns segmentos de público. Lembremos que o pessoal dos museus à época gravitava em torno da Conservação.

O passar dos tempos, as mudanças sociais e as transformações do universo museal ditaram o provimento de funções muito diversificadas nos museus. Grande parte delas dedicada ao estudo e à investigação e à comunicação dos saberes. São tarefas que exigem dedicação e formação adequadas. Os Museus não podem prescindir destes técnicos sob pena de não cumprirem nenhuma das suas funções.

Não há voluntarismo que supere a capacidade técnica e o conhecimento rigoroso de quem se preparou e conhece o seu trabalho.

Quando essas funções estão preenchidas e o Museu necessita ocasionalmente de um suplemento de trabalho, então sim, os voluntários, de boa vontade, e

critérios selecionados e devidamente enquadrados pelos técnicos são bem vindos.

É necessário que expliquemos isto bem explicado aos responsáveis políticos pela Cultura portuguesa. Porque eles não sabem. Não conhecem o problema. Não é de um problema económico que se trata. É de um problema de rigor técnico e científico e, em última análise, de um problema que contende com o respeito pela dignidade de quem produz conhecimento e se esforça por transmitir nas melhores condições e a todos esse conhecimento.

E também com a dignidade daqueles que vão ao museu confiando – os públicos – que não lhes vão servir gato por lebre.

Como afirmava Rivière, o homem, a comunidade, “é o herói da história que conta a colecção, a exposição, o Museu”... (p. 313) É simultaneamente o sujeito e objecto do Museu. E o Museu dispõe, tem de dispor, do pessoal qualificado que proponha “uma pedagogia adaptada, tanto ao visitante do interior da comunidade, como ao turista ou ao especialista que vêm do exterior” (p. 313).

O mesmo Rivière estava profundamente convencido da preeminência absoluta do técnico como “motor do Museu” (p. 314) e acreditava convictamente que o trabalhador museal tem direitos imprescindíveis porque ele tem o dever de servir a população de que o Museu é a expressão, o reflexo, o instrumento. (p 315)

Resta-me terminar agradecendo o empenho de todos os que participaram nestas XVII Jornadas do MINOM e a capacidade e a dedicação de quantos contribuíram para que elas se realizassem com a qualidade que tiveram. Ao Emanuel Sancho digo em nome do MINOM Bem haja! E peço-lhe que o transmita a todos os seus colaboradores.